

Reforma ou corrupção



JOSÉ SARNEY

Senador do Amapá pelo PMDB, foi presidente da República

O presidente do BID, Luis Alberto Moreno, teve um diagnóstico preciso sobre a retórica na América Latina. Ele disse que a palavra reforma estava decrépita no continente. Eu pensei no Brasil e logo senti que esse conceito, embora fosse explicitado por ele, há muito tempo é o meu.

Minha geração e as duas que vieram depois da minha só fizeram ouvir a mesma coisa: é preciso fazer a reforma, vamos fazer a reforma. E de tanto se falar em reforma não se sabe mais o que realmente significa reforma.

Outrora, era uma opção para evitar a revolução. A mais antiga força dessa palavra me ocorre na igreja: a grande reforma pregada por Lutero. Na grande luta intelectual sobre o comunismo houve a famosa divisão sobre o reformar ou o terror revolucionário, simbolizada na discussão entre Rosa Luxemburgo, cujo fim foi tão triste, assassinada, e Bernstein. No Brasil, ao tempo do Império, quando a coisa foi ficando difícil, o conselheiro Nabuco de Araújo, que atravessara o corredor do campo conservador para o campo liberal e fundara com outros o Clube Liberal, lançou um manifesto chamado "Reforma ou revolução".

Jango pregou a bandeira da reforma e caiu embrulhado nela, onde o lema era enfeitado com "reforma de base", e também reforma (na lei) e a contradição "na marra". As duas davam a impressão de ser a mesma coisa.

Depois seguiu-se o lugar-comum: reforma do Judiciário, da política, da igreja, da previdência, do Legislativo, dos partidos, tri-

butária, agrária, reforma da reforma e tudo era e é reforma.

Como Bobbio dizia da social-democracia, que, de tão recorrida como uma fuga, ele não sabia mais o que era, aconteceu com a reforma. Não significa nada, é desculpa para tudo.

A verdade é que o mundo foi feito para ser reformado ou transformado. É cotidiano estabelecido por Deus, que queria que as coisas feitas para concertar o mundo fossem obra do homem.

Minha mulher, por exemplo, outro dia me propôs fazer a reforma do velho banheiro de nossa casa no Maranhão. Pedi-lhe que em vez de reforma fizessemos um melhoramento. E ela me perguntou: "Qual é a diferença?" Eu respondi: "Nenhuma, é que passei a ficar cheio dessa palavra reforma". Vivaldo Moreira, grande intelectual mineiro, uma vez me disse: eu não agüento mais o inclusive. Ele é indispensável e chato. Pois, no Brasil, a palavra reforma está assim. Até o mensalão teve da CPI o pedido: reforma ou corrupção.